

 HARLEQUIN[®]

The Harlequin logo, featuring a stylized diamond shape with a small 'H' inside, followed by the word 'HARLEQUIN' in a bold, sans-serif font.

Sabrina[®]



Sue Swift
COM TERNURA

Sabrina®

COM TERNURA

Sue Swift



Editado por Harlequin Ibérica.
Uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.
Núñez de Balboa, 56
28001 Madrid

© 2001 Susan Freya Swift
© 2019 Harlequin Ibérica, uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.
Com ternura, n.º 653 - junho 2020
Título original: His Baby, Her Heart
Publicado originalmente por Harlequin Enterprises, Ltd

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor, incluindo os
de reprodução, total ou parcial.

Esta edição foi publicada com a autorização de Harlequin Books S.A.
Esta é uma obra de ficção. Nomes, carateres, lugares e situações são produto
da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente, e qualquer semelhança
com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos de negócios (comerciais),
feitos ou situações são pura coincidência.

® Harlequin, Sabrina e logótipo Harlequin são marcas registadas propriedades
de Harlequin Enterprises Limited.

® e ™ são marcas registadas por Harlequin Enterprises Limited e suas filiais,
utilizadas com licença.

As marcas em que aparece ® estão registadas na Oficina Española de Patentes
y Marcas e noutros países.

Imagem de portada utilizada com a permissão de Harlequin Enterprises
Limited.

Todos os direitos estão reservados.

I.S.B.N.: 978-84-1348-308-5

Conversão ebook: MT Color & Diseño, S.L.

Sumário

[Créditos](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Epílogo](#)

[Se gostou deste livro...](#)

Prólogo

Eu, Tamara Cohen Chandler, no pleno uso das minhas faculdades mentais...

Alex Chandler sentou-se, atordoado com aquele ritual a que tinha que assistir imediatamente após a morte da esposa. A leitura do testamento na presença de outros membros da família fez com que ele mergulhasse nos seus pensamentos. Do escritório de advocacia, ele conseguia ouvir o barulho do trânsito, mas a hora de ponta em Sacramento parecia estar a milhares de quilómetros de distância.

É meu desejo que o meu esposo, Alexander Chandler, e a minha amada meia-irmã, Dena Cohen Randolph, ponham um ponto final na animosidade que reina entre eles.

À sua direita, Alex observava Dena a tirar pêlos de cão da manga do seu casaco preto. Tentou, mais uma vez, conter o desprezo que sentia por ela. Porque é que aquela mulher nunca estava apresentável?

Em tempos, tentara esconder de Tamara a antipatia que sentia pela cunhada, mas tinha falhado.

É meu desejo que Dena se torne a mãe «adoptiva» dos meus filhos, levando até ao fim a gestação de um dos meus embriões, fertilizado por Alexander Chandler.

- O quê?! - O choque afastou a tristeza e a resignação do rosto de Alex.

Dena levantou-se abruptamente, como se tivesse levado um coice.

- Como se eu não tivesse problemas que cheguem! - exclamou.

Mesmo contra a sua vontade, momentaneamente ele regozijou com as palavras de Dena, mas rapidamente pensou nos gémeos de quatro anos e no marido desaparecido, factos que complicavam ainda mais a situação da cunhada. Os seus olhos verdes arregalaram-se, desnorteados.

- Tu já sabias disto?

Alex negou.

- A Tamara mudou o testamento logo a seguir ao diagnóstico. Nessa altura, não soube exactamente o que é que foi alterado, mas também não me importei. Estava mais preocupado com a quimioterapia e com a esperança de que ela recuperasse.

Alex franziu as sobrancelhas. Adorava a esposa, mas sabia que a doce e bem-intencionada Tamara também tinha sido manipuladora e muito, muito esperta. O que é que ela tinha planeado? E por quê?

- Bem, eu... eu não posso. - Dena colocou a mão sobre o ventre como se acariciasse um bebé imaginário. - Eu sei que a Tamara queria ter um filho. Mas... eu não posso dar à luz uma criança e depois, simplesmente, ir-me embora. Nem sequer pela Tami. Talvez tu consigas encontrar outra pessoa, Alex.

Ele respirou profundamente, esforçando-se para manter a calma no meio do repentino caos. Faria qualquer coisa para transformar o sonho da sua esposa em realidade, não se importando com o quão desagradável Dena Randolph poderia ser.

Por que razão ela não sentia o mesmo compromisso de honra para com a memória de Tamara?

- *Além disso - continuou o advogado, - transfiro a parte que me pertence dos meus embriões para a Dena Randolph, com instruções específicas para que sejam implantados apenas nela e em mais ninguém.*

O rosto de Dena ficou pálido, contrastando com os seus cabelos avermelhados. Alex não podia culpá-la. Também se sentia fraco. O que é que Tamara tinha feito? Ela enganara-os a ambos e, agora, ele e Dena eram co-proprietários dos preciosos embriões.

- Para os custos médicos, auxílio à maternidade durante a gravidez e sustento do bebé, deixo a quantia de trezentos mil dólares, a ser administrada por Alexander Chandler.

Dena pestanejou várias vezes, como que a tentar, de alguma forma, voltar à realidade.

A Tamara Decoração de Interiores, a empresa da sua irmã, devia ter sido um negócio muito lucrativo. Mas o mundo de Dena girava em redor dos seus filhos, não de dinheiro.

Abriu a boca para recusar definitivamente a oferta, quando o advogado leu:

- Deixo também a quantia adicional de duzentos mil dólares a ser empregue por Dena em benefício de Miriam e Jackson Randolph, os meus amados sobrinhos.

Dena afundou-se na cadeira. Tamara sabia que ela, pelos filhos, se necessário fosse, cavaría trincheiras com os dentes. Aquele dinheiro seria mais do que suficiente para pagar a escola, as roupas, um carro, e até talvez ajudasse a comprar uma casa, coisa que o seu pequeno escritório de paisagismo jamais poderia proporcionar.

A sua irmã sempre adorara os sobrinhos, portanto, não havia condições implícitas na herança. Porém, a consciência de Dena não ficaria em paz se ela não levasse em consideração o pedido da irmã. Como é que ela poderia retribuir tamanha generosidade sem cumprir o seu último desejo? Como recusar o dinheiro que tanto a ajudaria na criação dos seus dois amores?

Respirou calma e profundamente e, depois, olhou para Alex Chandler. Estava sentado ao seu lado, imóvel, com cada fio louro dos seus cabelos penteado e no lugar certo.

Sim, ela conseguiria resistir. Dena não queria Alex, o andróide financeiro, na sua vida. Observando-o, ela hesitou.

- Eu não vou ter que dormir contigo, pois não?

Um sorriso passou muito rapidamente pelos lábios dele.

- Eu acho que não. Os embriões estão guardados no consultório do ginecologista da Tami. Ele descongela-os, implanta dois em ti e vamos cada um para o seu lado. - Alex gesticulava ao falar, exibindo os botões de punho de ónix nos punhos da camisa branca.

Dena enterrou o rosto nas mãos e depois passou-as pelos cabelos, desnorteada.

- Eu ainda não acredito! E se um de nós disser que não?

- Nesse caso, não haverá um bebé e o sonho da vida de Tamara não se realizará.

- Oh, não... - gemeu Dena, com as lágrimas a toldarem-lhe os olhos já inchados de tanto chorar. Remexeu na mala à procura de lenços de papel. - Oh, Tami, porquê eu?

Alex sacudiu um grão de poeira imaginário da manga do seu impecável casaco, enquanto o seu rosto atraente continuava impassível, sem qualquer sombra de emoção.

- Tu és meia-irmã de Tamara e uma excelente mãe, na opinião dela. Ela comentava sempre comigo como admirava a tua facilidade em tratar dos gémeos.

- Isso é verdade. Foi muito fácil se tivermos tudo em consideração. - Dena tinha sido abandonada por um marido hipócrita e velhaco.

Ela estremeceu ao recordar o sucedido.

- Mas mais um filho? Os meus já me absorvem vinte e quatro horas por dia!

- Não seria teu filho, Dena, mas sim meu. O desejo de Tamara é que tu geres o bebé mo entregues quando nascer, para que eu o crie e o eduque. - Os vívidos olhos azuis de Alex brilhavam com intensidade.

- Eu não sou uma... uma égua reprodutora. Nem sequer sei se posso ter uma criança e depois desistir dela! - disse sem conseguir disfarçar a voz trémula.

- Mas tu vais ter que o fazer - determinou Alex. - Esse foi o último desejo da tua irmã. Como poderás dizer que não?

Capítulo 1

Seis meses depois

Naquele ensolarado, mas frio, dia de Março, Alex esperava impacientemente por Dena Randolph no escritório do seu advogado.

Ela, como sempre, estava atrasada. Se Tamara não a tivesse escolhido como «mãe-substituta», ele teria optado por alguém mais pontual.

Ao beber um café requentado de escritório, tentava controlar a irritação que sentia. Se ela tivesse chegado à hora marcada, a reunião já teria acabado, sem ultrapassar a sua hora de almoço.

O que ele mais queria agora era voltar para o escritório, enterrar-se no trabalho até aos cabelos e esquecer-se da falta que sentia de Tami.

O seu advogado, Gary Newman, entregou-lhe uma pasta, fazendo-a deslizar calmamente pela mesa.

- Acalma-te, homem. Lê mais uma vez o contrato enquanto esperamos a menina Randolph.

Ele abriu a pasta e leu, sem se concentrar, página a página. Ele quisera celebrar um contrato que obrigasse Dena a perceber bem qual o seu lugar no esquema da gravidez. Ela, com a mania de interferir em tudo, tinha ideias ultrapassadas sobre como se criar filhos. E os filhos dela...

Ele amava os seus sobrinhos, mas eles pareciam estar sempre sujos, perdidos ou metidos em alguma confusão. Não eram os melhores exemplos de uma boa educação familiar.

Continuou a leitura e encontrou ali tudo o que requisitara a Gary: as cláusulas que declaravam o que ela deveria fazer durante a gravidez e o que ela não poderia fazer depois do parto, ou seja: contacto não supervisionado com o filho dele ou exercer qualquer controlo sobre a criança. Gary tinha passado muito tempo a tentar esboçar o que, agora, era um contrato complexo.

- E se ela não assinar? - indagou Alex.

- Os embriões pertencem aos dois, percebes? Se ela não assinar, tu não cooperas, e se tu não cooperares, não há bebé, e o sonho da Tamara acaba mesmo antes de começar.

- Isso é muito triste... - Ele franziu a testa.

- É a vida, Alex. Deixa-me dizer-te uma coisa...

Nesse instante, um estridente som metálico interrompeu Gary.

- Estão a fazer obras aqui no escritório?

- Estão, mas só à noite.

Outra explosão e o ruído de um motor super-acelerado fez vibrar as janelas da sala. Alex levantou-se e olhou com cuidado pela janela em direcção à rua.

Via-se uma camioneta amarela amolgada, pintada com motivos florais nas cores do arco-íris, a passar pelos arbustos da entrada do estacionamento. Nas portas laterais, em letras roxas, lia-se «Dena Jardins».

O escape da camioneta explodiu mais uma vez antes do carro parar num lugar mesmo debaixo do escritório, a deitar fumo escuro antes de parar.

Alex questionou-se se as condições mecânicas daquela camioneta estavam de acordo com as impiedosas leis anti-poluentes do Estado. Conhecendo Dena como ele conhecia, provavelmente não estavam.

Voltando-se para Gary, levantou as sobrancelhas e disse:

- Adivinha quem chegou...

O advogado juntou-se a Alex à janela e comentou:

- Ela tem que mandar essa camioneta para o ferro-velho.

- E é melhor que ela faça isso rapidamente. Eu não quero a mãe do meu filho a andar por aí nesse monte de lixo. É muito perigoso.

A porta da camioneta rangeu quando Dena a abriu. No mínimo, as dobradiças deviam estar a precisar de óleo. Ele trataria disso antes de ela se ir embora, comprometeu-se Alex consigo mesmo.

Observou Dena a descer da camioneta, calçando pesadas botas de jardinagem e com umas calças de ganga sujas de terra até aos joelhos esgaçados. Inacreditável, pensou.

Dena caminhava até ao edifício e os pesados passos das suas botas de trabalho ecoavam pelos corredores do prédio, encobrindo a ansiedade em que mergulhava o seu coração.

Ela iria ter aquele bebé por amor à irmã, mas evitaria qualquer tipo de envolvimento com o cunhado. Infelizmente, os dois objectivos eram incompatíveis, colocando-a numa situação complicada, que duraria, no mínimo, nove meses. Mais do que isso, na realidade, porque após o nascimento do bebé ela não ia fugir das responsabilidades de mãe. E nem tentaria. Na verdade, pretendia tornar-se tia e, na sua mente, isso significava um vínculo de amor que iria unir todos... incluindo Alex.

Suspirou e, pela centésima vez, perguntou-se porque é que a sua talentosa e esperta irmã se tinha casado com Alex.

Claro que ele era bonito, para quem apreciava o tipo nórdico, frio. Tamara, que era mais bonita do que qualquer *miss* América que já existira, poderia ter escolhido o homem que quisesse. Por que razão escolhera precisamente ele, o gélido Chandler?

Ultimamente, ele tornara-se distante, atendendo as chamadas telefônicas de um modo seco e breve. Isso quando atendia. É certo que sofrera muito com a morte de Tamara e agora escondia-se dentro de uma concha protectora, de onde não sairia facilmente. Imersa em pensamentos, Dena não reparou no elevador vazio que estava à espera dela. Ao entrar, perguntava-se que tipo de pai seria Alex.

Ao chegar ao andar pretendido, parou em frente ao *hall* alcatifado, sentindo-se desencorajada.

Ela não queria ver o seu bebé, sobrinho ou sobrinha, a crescer e a transformar-se numa réplica de Alex. Era melhor certificar-se de que ele receberia todo o amor a que uma criança tinha direito.

Endireitou os ombros, apoiou-se na sua resolução e entrou no escritório do Dr. Newman. Forçou um sorriso, para disfarçar no rosto a determinação do seu coração.

Quando Dena entrou, Alex, que ficara irritado com o atraso, já não conseguia comportar-se cordialmente, por mais que se esforçasse.

O cabelo vermelho, desastrosamente preso no alto da cabeça de Dena, começava a cair. Madeixas de cabelo caíam sobre o seu belo rosto de uma maneira que muitos homens achariam sensual, *sexy*. Mas não ele. Ela não era o seu tipo, nunca seria. Jamais.

- Alex, Dr. Newman - cumprimentou ambos com uma voz de quem tinha corrido até chegar ali.

- Gary, por favor. - O advogado endireitou o peito franzino.

Dena fez-lhe um sorriso deslumbrante ao corrigir-se:

- Gary.

Era imaginação sua ou ela estava a insinuar-se?, pensou Alex. A mãe do seu filho não ia envolver-se com nenhum

outro homem; esperava que ela levasse uma vida tranquila e segura durante a gravidez.

- Boa tarde, Dena. - Pigarreou.

- Olá! - Ela deixou-se cair numa cadeira confortável, agarrando logo o contrato que estava em cima da mesa de reuniões. - Então, é este o documento em que tu trabalhaste exaustivamente nestes últimos meses?

Gary riu e Dena pestanejou-lhe. Alex não apreciou aquele olhar insinuante.

- Espero que não o aches exaustivo. - Gary sentou-se na sua cadeira.

- Então, é um acordo amigável? - Ela fez um belo sorriso.

- Achamos que é mais do que razoável. - Alex sentou-se na cadeira ao lado de Dena e arrependeu-se no mesmo instante. Ela não cheirava como uma pessoa que tinha trabalhado muito durante toda a manhã. Cheirava como uma mulher. Uma mulher muito sensual, com um aroma fresco e floral.

Mudou de lugar para escapar àquela aura perfumada. Não queria desfrutar do seu aroma, da sua aura ou de qualquer outra coisa dela. Ela era irmã da sua esposa, meia-irmã... Mesmo assim... A Dena, atraente? Não, nunca.

Ela examinou rapidamente o contrato, e não parecia estar a ler com atenção. Mas perguntou, com um ar sério:

- Este é o contrato-padrão para este tipo de situação?

- Não existe contrato-padrão para isto. «Mães-substitutas» ou «de aluguer» não são, de facto, assim tão comuns. Não existem contratos-padrão. Acredita, eu procurei. - Gary apontou para a pasta com a caneta. - Dei o meu sangue para o redigir.

- O fim de todos os direitos maternais - leu ela em voz alta. - O que é isso?

- Na essência, significa que o Alex criará a criança e será financeiramente responsável por ela - explicou Gary.

Alex ficou tenso. Aquela cláusula significava muito mais do que isso... Se ela assinasse estaria a desistir

definitivamente do bebé!

- Não é preciso explicar, isso é um dever. Eu adoraria ter mais filhos, mas não posso arcar com as despesas.

Alex interrompeu-a, com calma.

- Se tivermos sucesso no implante do óvulo e na gravidez, talvez tu possas ter mais filhos. A Tami deixou um valor substancial para os gémeos.

- Alex... isto não tem nada a ver com dinheiro. O bebé era o sonho da minha irmã e foi o seu último desejo.

- Sim, era - disse Alex com uma voz muito suave para não a irritar e estragar tudo.

- E o que é que significa «nenhum contacto não supervisionado com a criança»? - Dena olhava-o fixamente, com os olhos verdes a faiscar. - Isto é alguma brincadeira? Nós estamos a falar de uma criança que eu vou gerar e que, no mínimo, será meu sobrinho, ou sobrinha!

Alex trocou um olhar com Gary, depois disse com a maior calma que foi capaz:

- Quantas tias é que passam tempo com os seus sobrinhos sem ser supervisionadas?

- Muitas, meu caro. A Tamara levava os meus filhos ao jardim zoológico e ao parque, lembras-te? E eu não estava lá para a supervisionar!

Ele suspirou. Ela estava certa. A Tamara adorava o Jack e a Miri. Os gémeos eram a razão de ser do seu desejo de ser mãe, de ter os seus próprios filhos.

- Além disso, tu vais querer que eu te ajude a tratar do bebé.

Alex tentou parecer superior.

- Não creio.

Ela perdeu o brilho feroz dos seus olhos.

- Ah! E tu achas que sabes tudo, não é, Alex? - fez a pergunta com ironia e começou a rir.

- Claro que posso criar o meu filho sem a tua ajuda. Tu crias dois sozinha, não crias? Porque é que eu não posso criar um?